



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMAGEM DO PROFESSOR APRESENTADA EM GERALDI E RETOMADA PELOS PCNS

LINCK, Ieda Márcia Donati<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Imagem. Professor. Constituição. Ideologia.

### Introdução

Há quase três décadas, o doutor em Linguística João Wanderley Geraldi já elaborava subsídios teórico-práticos para orientar os professores sobre a importância de se desenvolver o trabalho de leitura na escola. A década de 1980 foi um período fortemente marcado por crises sociais, organização da sociedade civil, transposição de limites, etc. Esse período proporcionou um momento de profundos debates, propondo uma ressignificação do papel da escola e a sua função social, já iniciada anteriormente. Foi um período de muitas publicações, as quais continham propostas de reflexão teórica que incentivavam práticas inovadoras, tendo o texto como base ao ensino de português. Por outro lado, a democratização do ensino fez os alunos irem à escola, ampliou a pluralidade nos níveis de aprendizado, formando classes com distintos falares, o que tornou ainda mais difícil o trabalho do professor, que, em muitos casos, nem formação específica possuía.

Percebemos assim, que há décadas, o ensino da língua portuguesa vem sendo debatido. Já, em 1980, teoricamente, não se admitia mais pensar o ensino de língua materna enquanto o certo ou o errado, mas a partir do adequado, do uso. Apesar disso, na prática, poucas mudanças ocorreram. Por isso, no ano de 1997, o Governo Federal lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais: diretrizes que orientam a educação.

De acordo com esse documento, o professor teria o dever de ensinar seus alunos a ler e a escrever, tendo o texto como centro e a língua em funcionamento. Ações que podem ser consideradas como o maior desafio da escola, pois o professor não tinha formação adequada para trabalhar dessa forma. Em função disso, na prática, a escola continuou separando os sujeitos entre os que tinham domínio e os que não dominavam a língua padrão.

### Metodologia

Para a análise, elegemos algumas sequências discursivas dos referidos textos, buscando compreender o imaginário sobre esse professor, constituído nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que podem mostrar o movimento de sentido que vem se constituindo há algumas décadas, principalmente nos textos de Geraldi, cuja proposta serviu de base aos

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade de Cruz Alta. Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Linguística, da UFSM. Pesquisadora do Laboratório Corpus. E-mail: [imdlinck@gmail.com](mailto:imdlinck@gmail.com)



Referenciais Curriculares de São Paulo, depois para a Lei de Diretrizes e Bases e por fim aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para entendermos como o professor é representado nos textos em análise, atemo-nos ao sujeito da Análise do Discurso, histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente; histórico, porque é constituído num processo que se estabelecesse historicamente; social, porque não é o indivíduo, mas aquele sujeito apreendido num espaço coletivo.

A escolha dos textos para análise se deu em função de que os PCNs, além de ser um documento oficial que orienta o ensino de língua materna em nível nacional, faz parte do corpus do nosso trabalho de tese, intitulada “Uma perspectiva discursiva sobre a imagem do sujeito-professor constitutiva no processo de disciplinarização do Estágio Supervisionado nos Cursos de Letras”, e atemo-nos a Geraldi, uma vez que a sua proposta continua atualíssima.

## Resultados e Discussões

Geraldi organizou a primeira edição do livro “O Texto na sala de aula” no ano de 1984. Há quase trinta anos, buscava refletir sobre a ciência linguística, sua importância no ensino e sobre questões metodológicas na busca da eficácia educacional. No entanto, pelas deficiências teóricas, os materiais publicados na época, além de refletir, tiveram que propor sugestões para auxiliar o professor no trabalho em sala de aula e, em situações mais específicas, oferecer um manual pronto a ser seguido. Isso pode ser comprovado, principalmente, pelo uso do verbo “dever”, que aparece em várias situações do texto.

Ao analisarmos o texto dos PCNs e o de Geraldi *Concepções de Linguagem e Ensino de Português*”, presente no livro “O Texto em sala de Aula”, constatamos que as ideias se assemelham, apesar do tempo que as separa. Mesmo que especialistas na área chamam essa prática de didatização, nós nos atrevemos a chamar de repetição ou, por que não, de apropriação de ideias sem as devidas referências. Isso pode ser comprovado já na introdução dos PCNs, na qual notamos influência daquilo que Geraldi escreveu. Vejamos um fragmento do texto “Concepções de Linguagem e Ensino de Português”:

No inventário das deficiências que podem ser apontadas como resultados do que já nos habituamos a chamar de ‘crise do sistema educacional brasileiro’, ocupa lugar privilegiado o baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por estudantes na utilização da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita. (GERALDI, 1984, p. 39)

Agora, podemos observar uma paráfrase das ideias de Geraldi, já na a primeira parte da introdução dos PCNs:

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso



escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. (BRASIL, 1997, p. 19).

Percebemos uma crítica da forma como a linguagem vem sendo trabalhada, o que resulta na baixa qualidade do ensino. Outro exemplo de que os Parâmetros Curriculares Nacionais são paráfrases de outros autores, como Geraldi:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (BRASIL, 1997, p.23).

De maneira semelhante, o texto de Geraldi também mostra que o domínio da norma culta da língua interfere nas questões sociais: “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (Gnerre, 1978 apud Geraldi). A ideia de Geraldi está presente no texto dos PCNs, porém não há citações que comprovam que a ideia parafraseada é de outro autor, apenas o seu nome nas referências.

Na sequência, Geraldi afirma que “a linguagem é a expressão do pensamento (...). Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações - correntes - de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam”. Nos PCNs, essa ideia aparece da seguinte maneira:

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes (BRASIL, 1997, p. 24).

Os PCNs mantêm o imaginário de professor que, ao mesmo tempo em que precisa de orientação, deve saber o que fazer, pois no decorrer do texto, ele dá indícios do que o aluno deve saber, como (p. 54) “formar um leitor competente supõe formar um leitor que entende o que lê”. Nesse ponto, o imaginário de professor que não sabe como trabalhar em sala de aula é mantido, porém diz-se apenas o resultado esperado, sem apontar para onde ele deve seguir.

O mais próximo de “orientar” o professor, está em fragmentos do tipo “é preciso organizar o trabalho educativo”. Mas como? Os PCNs apontam um imaginário de professor que não teve formação e, portanto, não tem como construir um conhecimento com os alunos.

No documento oficial, o professor é pensado como “resistente ao novo”: “É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura” (idem, p.55). No fragmento “é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam” (idem, p. 55) temos, novamente, um ideal do



que deve ser trabalhado, apontando a descrença de que o professor fosse capaz de “formar leitores”.

As obviedades que são dirigidas ao professor, marcam um imaginário de que ele seria alguém sem noção do que deveria fazer. Esse documento apresenta o imaginário de um professor que não consegue nem sequer entender o que o aluno aprendeu: “é necessário que o professor **“tente”** compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos ao texto” (p. 57- grifo nosso).

### Considerações Finais

Ao analisarmos os textos de João Wanderley Geraldi e os textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, percebemos as influências do autor na escrita desses últimos, direcionado aos professores. Hoje, depois de quase três décadas desde a publicação do livro “O texto em sala de aula” de Geraldi, os problemas na educação permanecem, mesmo que alguns avanços tenham ocorrido. Vale ressaltar que nesse material, o linguista buscou mostrar aos colegas professores que era possível ensinar de forma diferente e mesmo usando o verbo dever, não chega a ser autoritário, pois o que ele tem é o imaginário de um professor que precisa de ajuda, de apoio e também de materiais específicos para dar suporte a sua prática.

O imaginário de professor constituído na época de Geraldi era próximo do real, pois ele realmente precisava de orientação e esse manual de como conduzir o trabalho em sala de aula teria contribuído muito se tivesse sido lido. Quinze anos depois, os PCNs são implantados como documento oficial, distribuídos em todas as escolas do país. Infelizmente, ainda hoje, muitos professores nem sequer leram os PCNs na íntegra, os quais se apresentam como um lugar estratégico para se tratar da velha e nunca resolvida questão social da pobreza, dos excluídos, dos carentes, dos marginalizados da sociedade, dando à educação um sentido específico: o de vencer o atraso e a barbárie educacional.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GERALDI, João Wanderley et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. SP: Ática, 1984.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.